Separação do Mal - Princípio de Unidade de Deus

A necessidade de união é sentida agora por todo cristão sensato. O poder do mal é sentido por todos. Sua pressão chega perto demais, seus passos rápidos e gigantescos são evidentes demais e afetam de perto os sentimentos particulares que caracterizam distintamente cada classe de cristãos, para que se tornem cegos a ela, por menos que apreciem sua verdadeira postura e caráter. Sentimentos melhores e mais santos também os despertam para o senso do perigo comum e (na medida em que é confiado à responsabilidade do homem) para o perigo em que se encontra a causa de Deus, por parte daqueles que nunca a pouparam e jamais a poupariam. Essa necessidade é sentida onde quer que o Espírito de Deus atue, de modo a fazer com que os santos valorizem a graça, a verdade e um só corpo.

Os sentimentos que a percepção do progresso do mal produz podem ser diferentes. Alguns, embora sejam poucos, podem ainda confiar nos baluartes que há muito contemplam, mas que tinham sua força apenas em um respeito por eles que não existe mais. Outros podem confiar em uma força imaginária da verdade, que ela nunca exerceu senão em um pequeno rebanho, porque Deus e a obra de Seu Espírito estavam lá; outros, em uma união que nunca foi o instrumento de poder do lado do bem – isto é, uma união por concórdia e acordo. Enquanto outros podem se sentir obrigados a se abster de tal união acordada, em razão de obrigações ou preconceitos previamente existentes, de modo que a união tende a formar apenas uma parte. Mas a sensação de perigo é universal. Aquilo que por muito tempo foi ridicularizado como teoria é agora sentido de forma prática demais para ser negado; embora as apreensões da palavra, que fizeram aqueles que foram submetidos a essa zombaria preverem o mal, possam ainda ser rejeitadas e menosprezadas.

Mas este estado de coisas produz dificuldades e perigos de um tipo peculiar para os santos, e leva à indagação sobre onde está o caminho do santo e onde se encontra a verdadeira união. Há o perigo, pela própria bem-aventurança e desejo da união, de aqueles que há muito sentiram verdadeiramente o seu valor e a obrigação que recai sobre os santos de mantê-la, de serem levados a seguir os impulsos daqueles que se recusaram a vê-la quando foi mencionada na Palavra, e a abandonar os próprios princípios e o caminho que sua própria compreensão mais clara da Palavra

de Deus os levou a abraçar, como se previssem a tempestade que se aproximava. Eles aprenderam daquela preciosa Palavra que ela estava chegando; e, enquanto a estudavam calmamente na Palavra, viram o caminho ali traçado para o crente como tal, e de fato, em todos os tempos. Agora lhes é imposto abandoná-la por aquilo que foi sugerido às mentes dos homens pela pressão das ansiedades que anteciparam, mas que, embora possa haver um impulso para o bem nela, a própria Palavra de Deus não forneceu quando indagada em paz. Mas será este o caminho dos santos? — afastar-se daquilo que a inteligência da palavra, geralmente rejeitada, lhes oferecia, para buscar a luz daqueles que não queriam ver? Este, contudo, não é o único perigo; nem é meu objetivo insistir nos perigos, mas sim no remédio. Há uma tendência constante na mente de cair no sectarismo e de fazer da união uma base oposta àquilo a que acabei de aludir: isto é, de um sistema de algum tipo ao qual a mente está apegada e em torno do qual santos ou outros se reúnem; e que, presumindo-se baseado em um verdadeiro princípio de unidade, considera como cisma tudo o que se separa de si mesmo — atribuindo o nome de unidade ao que não é o centro e o plano de unidade de Deus . Onde quer que este seja o caso, descobrir-se-á que a doutrina da unidade se torna uma sanção para algum tipo de mal moral, para algo contrário à palavra de Deus; e a autoridade do próprio Deus, que está ligada à ideia de unidade, torna-se, por meio deste último pensamento, um meio de induzir os santos a continuarem no mal. Além disso, a persistência neste mal é reforçada por toda a dificuldade que a descrença encontra para se separar daquilo em que está estabelecida, e onde o coração natural encontra seus laços e, geralmente, os interesses temporais, a esfera de seu sustento.

354 Ora, a unidade é uma doutrina e um princípio divinos; mas, como o mal é possível onde quer que a unidade seja tomada por si só, de modo a ser uma autoridade conclusiva, onde quer que o mal entre, a obrigação conclusiva da unidade vincula o mal, porque a unidade, onde o mal está, não deve ser quebrada. Disso temos um exemplo flagrante no Romanismo. Lá, a unidade da Igreja é a grande base da argumentação; e tem sido o fundamento para manter o mundo, podemos dizer, em toda enormidade sancionada, e fez do nome do Cristianismo sua garantia — uma autoridade para vincular almas ao mal, até que o próprio nome se tornou vergonhoso para a consciência natural do homem. O argumento da unidade pode então ser, em certa medida, o latitudinarismo que decorre da ausência de princípio; pode ser a estreiteza de uma seita formada a partir de uma ideia; Ou, talvez, tomada isoladamente, a pretensão de ser a igreja de Deus e, portanto, em princípio, assegurar tanta indiferença ao mal quanto for conveniente para o corpo ou seus governantes permitir, ou estiver em poder de Satanás arrastá-los para ele. Se o nome da unidade é tão poderoso em si mesmo, e em virtude das bênçãos que o próprio Deus lhe atribuiu, convém-nos compreender bem o que é realmente a unidade que Ele possui. É isso que eu proponho investigar; reconhecendo o desejo

de que seja algo bom, e muitas das tentativas de contê-lo contêm elementos de bom sentimento, mesmo quando os meios podem não levar à convicção do julgamento como sendo de Deus.

355 Ora, admite-se de imediato que o próprio Deus deve ser a fonte e o centro da unidade, e que somente Ele pode estar em poder ou título. Qualquer centro de unidade fora de Deus deve ser, em certa medida, uma negação de Sua Divindade e glória, um centro independente de influência e poder; e Deus é um — o centro justo, verdadeiro e único de toda a verdadeira unidade. Tudo o que não depende disso é rebelião. Mas esta verdade tão simples e, para o cristão, necessária, abre-nos o caminho de imediato. A queda do homem é o inverso disso. Ele era uma criatura subordinada, uma imagem também dAquele que havia de vir; ele se tornaria independente, e é, em pecado e rebelião, escravo de um rebelde mais poderoso do que ele, seja na dispersão de várias vontades próprias, seja em sua concentração no domínio do homem da terra. Mas então devemos, em consequência disso, dar um passo adiante. Deus deve ser um centro de bênção, bem como de poder, quando Se cerca de hostes unidas e moralmente inteligentes. Podemos saber que Ele punirá a rebelião com destruição eterna, partindo de Sua presença para a desesperança da miséria e do ódio individual, descentrados e egoístas; mas Ele mesmo deve ser um centro de bênção e santidade, pois Ele é um Deus santo e é amor. De fato, a santidade em nós (embora seja por natureza separação do mal) é simplesmente ter Deus, o Santo, que também é amor, o objeto, o centro e a fonte de nossas afeições. Ele nos torna participantes de Sua santidade (pois Ele é essencialmente separado de todo o mal, que Ele conhece como Deus, embora como Seu contrário); mas em nós, a santidade deve consistir em nossas afeições, pensamentos e condutas sendo centralizados e derivados dEle: um lugar mantido em total dependência dEle. Do estabelecimento e do poder dessa unidade no Filho e no Espírito, falarei em seguida. É a grande e gloriosa verdade em si que agora insisto.

356 Este grande princípio é verdadeiro até mesmo na criação. Ela foi formada em unidade, e Deus é seu único centro possível. Será trazido a ela novamente e centralizado em Cristo como sua Cabeça, sim, no Filho, por quem e para quem todas as coisas foram criadas, Cl 1:16 . É a glória do homem (embora sua ruína como caído) ser feito assim um centro em seu lugar - a imagem dAquele que há de vir;* mas, ai de mim! seu imitador em estado de rebelião neste mesmo lugar, quando caído. Eu não sei (eu me atreveria a dizer nada mais) que os anjos já foram feitos o centro de qualquer sistema; mas o homem foi. Era sua glória ser o senhor e centro deste mundo inferior (uma associada, mas dependente Eva, sua companheira e ajudadora em sua presença). Ele era a imagem e glória de Deus. Sua dependência o fez olhar para cima; e esta é a verdadeira glória e bem-

aventurança para todos, exceto para Deus. A dependência olha para cima e é exaltada acima de si mesma. A independência deve olhar para baixo (pois ela não pode, em uma criatura, ser preenchida por si mesma) e é degradada. A dependência é a verdadeira exaltação em uma criatura quando o objeto dela é o correto. O estado primordial do homem não era a santidade, no sentido próprio, porque o mal não era conhecido. Não era um estado divino (mas era uma criação abençoada); era a inocência. Mas isso se perdeu na afirmação da independência. Se o homem se tornou como Deus, conhecendo o bem e o mal, foi com a consciência pesada, escravo do mal que conhecia, e em uma independência na qual não podia se sustentar, enquanto moralmente havia perdido Deus para depender.

{*Veja Efésios 1. Ele nos fez conhecer o mistério da sua vontade, isto é, de reunir em uma unidade todas as coisas em Cristo, em quem recebemos herança.}

Com este estado (pois devemos agora descer à presente questão atual da unidade), com o homem neste estado, Deus tem que lidar, se a verdadeira unidade real, tal como Ele pode possuir, deve ser alcançada. Agora, Ele deve ainda ser o centro. Não se trata, portanto, de mero poder criativo. O mal existe. O mundo jaz na maldade, e o Deus da unidade é o Deus Santo. A separação, portanto, a separação do mal, torna-se a base e o princípio necessários e únicos, não digo o poder, da unidade. Pois Deus deve ser o centro e o poder dessa unidade, e o mal existe: e dessa corrupção devem ser separados aqueles que devem estar na unidade de Deus; pois Ele não pode ter união com o mal. Portanto, repito, temos este grande princípio fundamental: a separação do mal é a base de toda a verdadeira unidade. Sem isso, é mais ou menos vincular a autoridade de Deus ao mal e rebelar-se contra Sua autoridade; assim como toda unidade é independente dEle. É uma seita em suas formas mais leves e débeis; Em sua plenitude, é a grande apostasia, da qual uma das características, como poder eclesiástico ou secular, é a unidade; mas unidade pela sujeição do homem ao que é independente real ou abertamente de Deus porque é de Sua palavra; não estabelecida pela sujeição ao Santo, de acordo com Sua palavra,* e pelo poder do Espírito operando naqueles que estão unidos, e por Sua presença, que é o poder pessoal de união no corpo. Mas essa separação ainda não é pelo poder judicial, que separa (não o bem do mal, o precioso do vil, mas) o vil do precioso, banindo-o de Sua presença em julgamento; amarrando o joio em feixes e lançando-o na fornalha de fogo; recolhendo de Seu reino todas as coisas que ofendem (Satanás e seus anjos sendo ele mesmo lançados para baixo e todas as coisas então sendo reunidas em uma em Cristo, no céu e na terra). Então o mundo, não a consciência, será purificado do mal pelo julgamento que não o permitirá, mas eliminará todos os ímpios (não pelo poder e testemunho do Espírito de Deus).

{*Isto é característico da unidade independente. Creio que se dará em um estado abertamente infiel e uma manifestação do poder de Satanás. Mas, supondo que não seja abertamente assim, é claro que a sujeição a Deus se manifesta na sujeição à Sua palavra. Ora, a autoridade da igreja é confessadamente o antecedente à autoridade da palavra no Romanismo, e nem todos os santos têm permissão para serem objetos imediatos da própria palavra de Deus, nem para agir de acordo com ela (isto é, para estarem sujeitos a ela). Eles devem estar sujeitos à igreja: que a igreja permita ou não, isso não faz diferença. Aquele que permite pode impedir (isto é, impedir que Deus se dirija aos santos). Pois esta é a verdadeira questão do Protestantismo: não o direito do homem à Bíblia meramente, mas o direito de Deus de se dirigir ao homem diretamente por Sua palavra; mais particularmente, de se dirigir a cada um de Seus próprios servos, ou àqueles que se dizem tais.}

357 Não é agora o tempo desta separação judicial do mal do bem no mundo, como o campo de Cristo, pela eliminação e destruição dos ímpios. Mas a unidade não é, portanto, abandonada pelos pensamentos de Deus; nem Ele poderia ter reconhecido a união com o mal. Há um só Espírito e um só corpo. Ele reúne em um só os filhos de Deus que estavam dispersos.

E agora, quanto ao princípio em geral: Deus está operando em meio ao mal para produzir uma unidade da qual Ele é o centro e a fonte, e que possui dependentemente Sua autoridade. Ele ainda não o faz pela remoção judicial dos ímpios; Ele não pode se unir aos ímpios ou ter uma união que os sirva. Como pode ser então essa união? Ele separa os chamados do mal. "Saí do meio deles e separai-vos, e eu vos receberei, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo-Poderoso. Como está escrito: Andarei entre eles e habitarei entre eles", etc. Agora, aqui temos isso claramente estabelecido. Esta era a maneira de Deus reunir. Era dizendo: Saiam do meio deles. Ele não poderia ter reunido a verdadeira unidade ao Seu redor de outra forma. Visto que o mal existe — sim, é a nossa condição natural — não pode haver união da qual o Deus Santo seja o centro e o poder, a não ser pela separação dele. A separação é o primeiro elemento da unidade e da união.

358 Podemos agora investigar um pouco mais sobre a maneira como essa unidade se efetua, em que se baseia. Deve haver um poder intrínseco de união que a mantém unida a um centro, bem como um poder que a separa do mal para formá-la; e esse centro, ao descobrir isso, nega todos os outros. O centro da unidade deve ser um centro único e incomparável. O cristão não precisa se demorar muito para investigar aqui. É Cristo — o objeto do conselho divino — a manifestação do próprio

Deus — o único vaso de poder mediador, com o direito de unir a criação como Aquele por quem e para quem todas as coisas foram feitas; e a igreja como seu Redentor, sua cabeça, sua glória e sua vida. E há esta dupla liderança: Ele é a cabeça sobre todas as coisas para a igreja, que é o Seu corpo, a plenitude dAquele que cumpre tudo em todos. Isso se realizará em seu dia.

Por ora, ocupamo-nos do período intermediário, da unidade da própria Igreja e de sua unidade em meio ao mal. Ora, não pode haver poder moral capaz de unir, afastando-o do mal, senão Cristo. Somente Ele, como graça e verdade perfeitas, detecta todo o mal que separa de Deus e do qual Deus separa. Somente Ele pode, de Deus, ser o centro de atração que atrai para Si todos aqueles sobre quem Deus age. Deus não reconhecerá nenhum outro. Não há outro a quem o testemunho possa ser prestado, que seja de Deus e voltado para Deus. A própria Redenção também torna isso necessário e evidente: só pode haver um Redentor, aquele a quem um coração resgatado pode ser dado, bem como aquele a quem um coração divinamente vivificado pode dar todas as suas afeições, o centro e a revelação do amor do Pai. Ele também é o centro do poder para fazê-lo. Nele habita toda a plenitude. O amor (e Deus é amor) é conhecido nEle. Ele é a sabedoria de Deus e o poder de Deus. E, ainda mais do que isso, Ele é o poder separador da atração, porque Ele é a manifestação de tudo isso, e o realizador disso em meio ao mal; e é isso que nós, pobres e miseráveis, necessitamos, que estamos nele; e é o que, se assim podemos dizer, Deus deseja para Sua glória separadora em meio ao mal. Cristo se sacrificou para estabelecer Deus no amor separador em meio ao mal. Havia mais do que isso — um escopo mais amplo nesta obra; mas falo agora em referência ao meu assunto atual.

359 Assim, Cristo se torna não apenas o centro de unidade do universo em Seu glorioso título de poder, mas (como o manifestador de Deus, o único possuído e estabelecido pelo Pai e aquele que atrai o homem) Ele se torna um centro peculiar e especial de afeições divinas no homem, em torno do qual eles se reúnem como o único centro divino de unidade. Pois, de fato, como o centro, necessariamente o único centro, "aquele que comigo não ajunta, espalha". E tal, quanto a este ponto, foi o objetivo e o poder de Sua morte: "Eu, quando for levantado, atrairei todos a mim". E mais especialmente, Ele se entregou "não somente por aquela nação, mas também para reunir em um só corpo os filhos de Deus que andavam dispersos". Mas aqui, novamente, encontramos esta separação de um povo peculiar: "Ele se entregou por nós para que pudesse... purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras". Ele era o próprio padrão da vida divina no homem, separado do mal, pelo qual era universalmente cercado; Ele era amigo de publicanos e pecadores, transmitindo graça aos homens por meio de amor familiar e terno; mas Ele sempre foi o homem separado. E assim Ele é o centro da igreja e sumo

sacerdote. "Tal sumo sacerdote nos convinha , santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores " — e, acrescenta-se, "feito mais sublime que os céus". Aqui, de passagem, podemos observar que o centro e sujeito dessa unidade é celestial. Um Cristo vivo ainda se tornou o instrumento de manutenção da inimizade, estando Ele mesmo sujeito à lei dos mandamentos contida nas ordenanças. Portanto, embora a glória divina de Sua Pessoa necessariamente alcançasse esse muro como um ramo frutífero de graça para os pobres gentios que passavam por ali (e não poderia ser de outra forma, pois onde havia fé, Ele não podia negar a Si mesmo como Deus, nem o que Deus era, nem mesmo o amor); ainda assim, em Seu curso regular, como um homem nascido de uma mulher, Ele foi nascido sob a lei. Mas, por Sua morte, Ele derrubou a parede de separação, e fez de ambos um, e reconciliou ambos em um só corpo com Deus, fazendo a paz. Por isso, é tão elevado e, finalmente, tão mais alto que os céus, que Ele se torna o centro e único objeto da unidade.

360 Observemos de passagem que, portanto, a mundanidade sempre destrói a unidade. A carne não pode subir ao céu, nem descer em amor a todas as necessidades. Ela caminha na comparação separatista da autoimportância. "Eu sou de Paulo", etc. "Não sois carnais e não andais como homens?" Paulo não havia sido crucificado por eles, nem eles haviam sido batizados em nome de Paulo. Eles haviam se apegado à terra em suas mentes, e a unidade havia desaparecido. Mas o glorioso Cristo celestial, em uma palavra, abraçou a todos. "Por que me persegues ?" Essa separação de tudo o mais era mais lenta entre os judeus, visto que eles próprios eram exteriormente o povo separado de Deus; mas, tendo mostrado plenamente o que eram, a palavra aos discípulos foi: "Saiamos a ele fora do arraial, levando o seu opróbrio". O Senhor (quando, como grande resultado, Ele queria um só rebanho e um só Pastor) apresentou Suas próprias ovelhas e foi à frente deles. De fato, precisamos apenas mostrar que a unidade é a mente de Deus, e a separação do mal é a consequência necessária; pois ela existe como princípio no chamado de Deus antes da própria unidade. A unidade é o Seu propósito e, como Ele é o único centro legítimo, deve ser o resultado do poder sagrado; mas a separação do mal é a Sua própria natureza. Daí, quando Ele chama Abraão publicamente, as palavras: "Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai."

Mas, para continuar; pelo que vimos, é evidente que o Senhor Jesus Cristo nas alturas é o objeto em torno do qual a igreja se agrupa em unidade. Ele é sua Cabeça e Centro. Este é o caráter de sua unidade e de sua separação do mal, dos pecadores. Contudo, eles não deveriam ser tirados do mundo, mas preservados do mal e santificados pela verdade; Jesus se separou assim para este fim. Portanto, bem como para a demonstração pública do poder e da glória do Filho do Homem, o Espírito Santo foi enviado para identificar os chamados com sua Cabeça celestial e

separá-los do mundo em que deveriam permanecer: e o Espírito Santo tornou-se assim o centro e o poder aqui embaixo da unidade da igreja em nome de Cristo — Cristo tendo derrubado o muro de separação, reconciliando ambos em um só corpo pela cruz. Os santos, assim reunidos em um, tornaram-se a habitação de Deus por meio do Espírito. O próprio Espírito Santo tornou-se o poder e o centro da unidade, mas em nome de Jesus, de um povo separado igualmente de judeus e gentios, e liberto deste presente mundo mau para a união com seu glorioso Chefe. Por meio de Pedro, Deus visitou os gentios, para tirar deles um povo para o Seu nome. E dos judeus restou um remanescente segundo a eleição da graça; assim como Paulo, um deles, foi separado de Israel e dos gentios, aos quais foi enviado.

361 E assim era o testemunho constante. Aquele que diz ter comunhão com Ele e anda nas trevas, mente e não pratica a verdade. A separação do mal é o primeiro princípio necessário da comunhão com Ele. Quem quer que a questione é um mentiroso — ele é, até aqui, do maligno. Ele desmente o caráter de Deus. Se a unidade depende de Deus, deve ser separação das trevas. O mesmo ocorre uns com os outros. Se andarmos na luz, como Deus está na luz , temos comunhão uns com os outros. E observe, aqui não há limite. É como Deus está na luz . Ali o bendito Senhor nos colocou por Sua preciosa redenção; e, portanto, por isso, toda a maneira de nossa caminhada e união deve ser formada: não podemos ter união (como de Deus) fora dela; o judeu poderia, porque a sua - embora separação, e portanto a mesma em princípio - ainda era apenas exterior na carne, e o caminho para o santuário ainda não estava manifesto (não, nem mesmo para os santos, embora nos conselhos de Deus, sem dúvida, eles estivessem lá por meio do sacrifício prestes a ser oferecido).

Assim, novamente, um com o outro. Que comunhão tem a luz com as trevas? Cristo com Belial? Que comunhão tem a justiça com a injustiça? Que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? E então, dirigindo-se aos santos, o Espírito Santo acrescenta: "Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: Neles habitarei, e entre eles andarei; e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Portanto, saí do meio deles e separai-vos." Caso contrário, provocaremos o Senhor ao ciúme, como se fôssemos mais fortes do que Ele. Dessa unidade e comunhão, posso acrescentar, a ceia do Senhor é o símbolo e a expressão. Pois nós, sendo muitos, somos todos um só pão, pois todos somos participantes desse único pão.

Encontramos, então, de forma muito distinta, que, assim como a unidade de Israel, antigamente, se baseava na libertação e no chamado do meio dos pagãos que os cercavam, mantendo-os separados entre si, assim também a unidade da igreja se baseava no poder do Espírito Santo, que desceu do céu, separando um povo

peculiar do mundo para Cristo, e habitando entre eles; o próprio Deus habitando e caminhando neles. Pois há um só Espírito e um só corpo, assim como somos chamados em uma só esperança de nossa vocação. De fato, o próprio nome Espírito Santo o implica; pois santidade é separação do mal. Além disso, qualquer que seja a falha na realização, o princípio e a medida dessa separação é necessariamente a luz, assim como Deus está na luz; O caminho para o ser mais sagrado se manifesta, e o Espírito Santo desce dali para habitar na igreja abaixo, e assim, em poder de separação celestial, porque o centro residente e o poder da unidade (assim como a Shekinah em Israel), Ele estabelece a santidade da igreja e sua unidade em sua separação para Deus, de acordo com Sua própria natureza e o poder dessa presença. Tal é a igreja, e tal é a verdadeira unidade. Nem o santo pode reconhecer, inteligentemente, qualquer outra, embora possa reconhecer desejos e esforços em busca do bem naquilo que lhe falta.

362 Aqui eu poderia encerrar minhas observações, tendo desenvolvido o grande, embora simples, princípio, que flui da própria natureza de Deus, de que a separação do mal é o Seu princípio de unidade. Mas uma dificuldade colateral ao meu principal objeto e assunto se apresenta. Supondo que o mal se introduza neste corpo único assim formado na Terra, o princípio ainda é válido? Como então pode a separação do mal manter a unidade? E aqui podemos tocar no mistério da iniquidade. Mas este princípio, que flui da própria natureza de Deus, de que Ele é santo, não pode ser posto de lado. A separação do mal é a consequência necessária da presença do Espírito de Deus em todas as circunstâncias quanto à conduta e à comunhão. Mas aqui há uma certa modificação dela. A presença revelada de Deus é sempre judicial quando existe; porque o poder contra o mal está conectado com a santidade que o rejeita. Assim, em Israel, a presença de Deus era judicial; Seu governo estava lá, o que não permitia o mal. Assim, embora de outra maneira, é na igreja. A presença de Deus é judicial ali — não no mundo, exceto em testemunho, porque Deus ainda não se revelou no mundo; e, portanto, não arranca joio daquele campo. Mas julga aqueles que estão dentro.

363 Portanto, a igreja deve expulsar de si a pessoa má e, assim, manter sua separação do mal. E a unidade é mantida no poder do Espírito Santo e em uma boa consciência. E, de fato, para que o Espírito não seja entristecido e a bênção prática não se perca, os santos são exortados a olhar diligentemente para que ninguém se prive da graça de Deus. E quão doce e abençoado é este jardim do Senhor, quando assim mantido e floresce na fragrância da graça de Cristo. Mas, infelizmente! sabemos que a mundanidade se insinua e o poder espiritual declina; o gosto por essa bênção enfraquece, porque não é desfrutado no poder do Espírito; a comunhão espiritual com Cristo, a Cabeça celestial, decai, e o poder que bane o mal da igreja não está mais em exercício vivo. O corpo não é suficientemente animado pelo

Espírito Santo para responder à mente de Deus. Mas Deus jamais Se deixará sem testemunho. Ele traz o mal para o corpo por meio de algum testemunho — pela palavra ou por julgamentos, ou ambos em sucessão — para trazê-lo de volta à sua energia espiritual e levá-lo a manter Sua glória e seu lugar. Se ele se recusar a responder à própria natureza e caráter de Deus, e à incompatibilidade dessa natureza com o mal (de modo que se torne realmente uma falsa testemunha de Deus), então o primeiro e imutável princípio se repete, e o mal deve ser separado dele.

Além disso, a unidade que se mantém após tal separação torna-se um testemunho da compatibilidade do Espírito Santo com o mal: isto é, é, em sua natureza, apostasia; mantém o nome e a autoridade de Deus em Sua igreja e os associa ao mal. Não é a apostasia declarada e aberta da infidelidade declarada; mas é negar a Deus segundo o verdadeiro poder do Espírito Santo, enquanto se usa Seu nome. Essa unidade é o grande poder do mal apontado no Novo Testamento, conectado com a igreja professa e a forma de piedade. Devemos nos afastar de tais pessoas. Esse poder do mal na igreja pode ser discernido espiritualmente e abandonado quando há a consciência da incapacidade de efetuar qualquer remédio; ou, se houver um testemunho público aberto, trata-se então de uma condenação aberta a ele. Assim, antes da Reforma, Deus deu luz a muitos que mantinham um testemunho desse mesmo mal na igreja professa, à parte dela; alguns deram testemunho e ainda permaneceram. Quando a Reforma chegou, ela foi aberta e publicamente concedida, e o corpo professante do Romanismo tornou-se aberta e declaradamente apóstata, tanto quanto um corpo cristão professo pode, no Concílio de Trento. Mas onde quer que o corpo se recuse a abandonar o mal, torna-se, em sua unidade, um negador do caráter de santidade de Deus, e então a separação do mal é o caminho do santo; e a unidade que ele deixou é o maior mal que pode existir onde o nome de Cristo é pronunciado. Os santos podem permanecer, como no Romanismo, onde não há poder para reunir todos os santos; mas o dever do santo quanto a isso é claro nos primeiros princípios do cristianismo, embora, sem dúvida, sua fé possa ser exercida por ele. "Todo aquele que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade." É possível que aquele que se afasta do mal se torne uma presa; mas isso, é claro, não faz diferença; é uma questão de fé. Ele está no verdadeiro poder da unidade de Deus.

364 Assim, então, a palavra de Deus nos proporciona a verdadeira natureza, objeto e poder da unidade; e, ao fazê-lo, nos dá a medida dela, pela qual julgamos o que a ela se atribuí e a maneira como ela se manifesta; e, além disso, os meios de manter seus princípios fundamentais de acordo com a natureza e o poder de Deus, pelo Espírito Santo, na consciência, onde ela não pode ser realizada em conjunto com poder. Sua natureza flui da de Deus; pois Ele deve ser o centro da verdadeira

unidade, e Ele é santo; e Ele nos introduz nela, separando-nos do mal. Seu objeto é Cristo; Ele é o único centro da unidade da igreja, objetivamente como sua Cabeça. Seu poder é a presença do Espírito Santo aqui em baixo, enviado como o Espírito da Verdade, também pelo Pai, por Jesus. Sua medida é andar na luz, como Deus está na luz; comunhão com o Pai e com Seu Filho Jesus, e, podemos acrescentar, através do testemunho da palavra escrita — a palavra apostólica e profética do Novo Testamento, especialmente. Ela é construída sobre o fundamento dos apóstolos e profetas (do Novo Testamento), sendo o próprio Jesus Cristo a pedra angular. O meio de mantê-la é rejeitar o mal (judicialmente, se necessário), de modo a manter, por meio do Espírito, a comunhão com o Pai e o Filho. Se o mal não for rejeitado, então a separação daquilo que não o é torna-se uma questão de consciência. Retorno, ainda que sozinho, à unidade essencial e infalível do corpo, em seus princípios eternos de união com a Cabeça em uma natureza santa pelo Espírito. O caminho dos santos torna-se assim claro. Deus assegurará, por poder eterno, a vindicação, talvez não aqui, mas diante de Seus anjos, daqueles que reconheceram corretamente Sua natureza e verdade em Cristo Jesus.

365 Creio que estes princípios fundamentais são profundamente necessários hoje em dia, para o santo que busca caminhar verdadeira e completamente com Deus. A unidade latitudinal pode ser dolorosa e difícil de evitar; ela tem uma forma amável em geral, é em certa medida respeitável no mundo religioso, não testa a consciência de ninguém e permite a vontade de todos. É mais difícil de decidir sobre ela, porque frequentemente está ligada a um verdadeiro desejo de bem e associada a uma natureza amável. E parece rígido, estreito e sectarismo recusar-se a caminhar assim. Mas o santo, quando tem a luz de Deus, deve caminhar claramente nela. Deus vindicará Seus caminhos no devido tempo. O amor para cada santo é um dever claro; andar em seus caminhos não é. E aquele que não ajunta com Cristo, espalha. Só pode haver uma unidade; confederação, mesmo para o bem, não é, mesmo que tenha sua forma. A unidade, professada como sendo da igreja de Deus, enquanto o mal existir e não for afastado, é uma questão ainda mais séria. Sempre estará ligada ao princípio clerical, porque este é necessário para manter a unidade, quando o Espírito não é o seu poder e, de fato, toma o seu lugar, guia, governa, governa em seu lugar, sob a alegação de sacerdócio ou ministério, reconhecido como um corpo distinto, uma instituição separada: não se manteria unida sem isso.